

2

Uma escola em análise

“Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu, na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos”.

Machado de Assis, *‘Conto de Escola’*.

Neste capítulo descrevo com densidade uma escola particular, termo aqui compreendido na especificação de uma determinada escola e no seu pertencimento à rede de escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro. Essa descrição quer contextualizar o espaço de investigação, levando em conta aspectos que contribuirão para os resultados da análise consoante os objetivos principais da pesquisa, concordando com Geertz (1989) ao assegurar que os antropólogos não pesquisam as aldeias, mas pesquisam **nas** aldeias (grifo do autor).

Descrever densamente, também segundo Geertz (1989), constitui o tipo de esforço intelectual representado pela prática etnográfica, referindo-se à análise antropológica como forma de conhecimento. Não são as técnicas e os métodos que definem esse empreendimento, mas a capacidade de perceber e interpretar as diferenças de significado que emergem dos dados coletados.

Para Geertz (ibid) a etnografia é uma descrição densa e, nesse exercício, o etnógrafo tem que apreender e apresentar “*uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas*” (ibid, p:20). Nesse sentido a etnografia constitui-se em uma leitura da cultura.

É essa “leitura” que se pretende realizar ao longo desse trabalho. Descrever as particularidades dessa instituição buscando os significados que lhes atribuem os sujeitos que por ali transitam em seus papéis de educadores e estudantes, a distribuição dos espaços e os usos que lhes são dados, a identidade que constitui a marca da instituição, o cotidiano de seus personagens e como os mesmos se apresentam.

Torna-se pertinente iniciarmos com uma breve reflexão sobre a escola, vista globalmente, em sua trajetória histórica de avanços e recuos, iniciativas e revezes na qual podemos inserir as interpretações sobre as especificidades dessa escola.

2.1

Reflexões sobre a escola

“O homem é um ser em potência que, enquanto inacabado, está condenado a aprender”.

Rui Canário

A escola, invenção histórica e construção humana, tem sido, principalmente ao longo do último século, alvo de inúmeras análises. Muitos autores (Candau, 2000; Barroso, 1996; Nóvoa, 1995; Canário, 2006) têm realizado estudos sobre a escola e apontado as múltiplas possibilidades de análise que este espaço permite. Segundo Candau (2000), “*a escola tem sido objeto de muitas análises, reformas, debates, conflitos e sonhos...*” (ibid, p:09)

Diversos aportes epistemológicos têm direcionado esses estudos, ora para a instituição em si, ora para sua estrutura organizacional, suas formas de proceder e para seus atores, notadamente, os professores e os alunos.

Esses diversos recortes de investigação, de acordo com as questões que lhes direcionam o olhar, têm, em sua base teórica, ciências como a Psicologia, principalmente ao tratar de problemas relacionados aos alunos e suas aprendizagens, os chamados estudos pedocêntricos; e a Sociologia e a Antropologia, ao tratarem de um vasto campo de pesquisa relacionado a este universo como espaço institucional e organizacional, assim como a identidade de seus atores, suas relações, práticas e representações.

A familiaridade com a escola, independente de seu tamanho, de sua maior ou menor estrutura, de suas várias formas de organização, seja ela pública ou particular, nos leva a naturalizar fenômenos que aí ocorrem, já que ela é uma experiência social de que todos, de uma forma ou de outra, temos conhecimento. Todavia, esse conhecimento e as experiências que temos da escola podem nos ajudar a dialogar com as teorias que têm sido construídas sobre ela.

Nessa perspectiva, Canário (1996) nos adverte da possibilidade de uma ‘ilusão’ no que tange à análise da escola como dado real e concreto de forma direta, não levando em conta o caráter construído desse objeto de estudo, algo transitório e sujeito a constantes retificações. Segundo esse teórico (ibid), é a atividade investigativa que possibilita a transformação de objetos sociais, no caso a escola, em objetos científicos, e, de acordo com a multiplicidade de olhares teóricos, a escola corresponde a múltiplos objetos de estudo. A escola, então, torna-se um objeto de estudo científico a partir das questões que lhes dirigem seus investigadores. Dessa forma, é a teoria que decide aquilo que é, ou não, observado, pois as perguntas têm prioridade sobre as respostas.

Os estudos mais recentes, que percebem a escola como um objeto de estudo científico, analisam os fenômenos que nela ocorrem e indicam a existência de conflitos, de relações desiguais, e de uma “*certa sensação de inadequação aos tempos atuais...*”, segundo Candau (2000, p: 09)

Há fatores externos que incidem sobre a escola, que interferem em sua forma e em seu cotidiano, e que nos remetem à óbvia constatação de que ela não se constitui em algo abstrato, que paira sobre e além de nós. Ela insere-se em um tempo histórico e em um espaço geográfico e está presente na sociedade moderna como uma de suas principais instituições.

Nessa perspectiva, encontramos-nos, então, diante de duas visões ou campos de discussão sobre a escola. Uma que nos remete a algo perene, imutável, que tem se configurado de uma determinada forma, a forma escolar, com uma estrutura organizacional, fruto de uma racionalização do trabalho escolar, que tem se mantido desde a sua concepção, como a divisão dos alunos por classes correspondentes à mesma faixa etária, a constituição dessas classes com um professor que ensina uma determinada disciplina e vários alunos que aprendem ao longo de um determinado tempo.

Ao lado dessa visão, há outra que nos aponta para as diversas mudanças pelas quais tem passado a escola nas últimas décadas. A análise diacrônica de que nos fala Canário (2006), mostra que, em alguns aspectos, “*a escola que temos hoje não corresponde à mesma instituição que marcou a primeira metade do século XX*” (ibid, p:16). Segundo esse autor, a instituição escolar passou de um contexto de certezas, que vai do final do século XVIII até o início do século vinte,

à escola das promessas, que se situou do pós-guerra até a década de 1970, para a escola das incertezas, que se apresenta até os dias atuais.

Segundo Canário (ibid), a escola das certezas, partícipe da criação da noção de estado-nação, não era posta em dúvida pela sociedade. Estava voltada para uma determinada classe social, era elitista e tida como justa. Já a escola das promessas inseria-se na era desenvolvimentista e atendia às necessidades do período industrial. Através da escolarização, havia a promessa de riqueza e ascensão social, o que causou uma explosão em termos quantitativos, uma heterogeneidade dos públicos escolares e, no Brasil como em outros países, a decorrente desvalorização dos diplomas emitidos, fatos que contribuíram para a formação da escola das incertezas. Esta escola se vê, então, invadida pelos principais problemas sociais do final do século passado, como desemprego e o declínio da noção de estado-nação, passando a não ser mais garantia de sucesso para a sociedade. Os investimentos e as diversas reformas em educação não lograram o êxito pretendido principalmente devido à expansão da escola que passou a atender a um público social e culturalmente cada vez mais vasto e heterogêneo. A visão otimista de décadas atrás se transformou em desencanto e incertezas quanto ao futuro da escola, havendo, dessa forma, necessidade de reinventá-la, segundo muitos teóricos (Candau, 2000, Canário, 2006, Nóvoa, 1995, e outros), já que o modelo atual parece se mostrar obsoleto e anacrônico.

Dessa forma, a escola, que se mostra imutável em sua forma e organização, tem sido hoje afetada por fatores externos do mundo contemporâneo, principalmente devido às novas formas de acesso à informação, além de sua velocidade e abundância, e às novas formas de nos comunicarmos através dos meios disponibilizados pelos novos suportes eletrônicos.

É importante perceber que, no caso da pesquisa em questão, este objeto social é percebido como objeto científico, passível de análise, a partir do olhar teórico da Antropologia, objetivando aí desvendar suas práticas, especificamente leitoras e escritoras.

2.2

Entrando em campo: uma escola particular

“Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo”.

Michel de Certeau

São 6:40h de uma manhã cinzenta. O congestionamento em frente ao colégio já é grande, obrigando o guarda municipal a, entre apitos e gestos largos, andar de um lado a outro na tentativa de organizar o aparente caos diante do sinal em frente ao portão de entrada de alunos. São buzinas que ecoam pedindo passagem, acordando os últimos sonolentos que chegam para mais um dia de aula; são vans de transporte escolar que tentam estacionar próximo à entrada, são diversos carros de passeio com pais apressados que param, por alguns minutos, em fila dupla para deixarem seus filhos. O primeiro sinal toca alto e o inspetor chama os que chegam apressados.

Pela portaria central entram professores e funcionários para mais um dia de trabalho. Logo na entrada, no “hall” principal do colégio, encontra-se à esquerda a bancada de madeira clara atrás da qual estão os funcionários da portaria que monitoram a entrada de todos os que têm acesso ao prédio central do colégio. Em frente há um painel com diversas informações sobre o cotidiano do colégio, como fatos importantes que acontecem ou acontecerão brevemente, os aniversariantes do mês, fotos de funcionários homenageados por diversas razões etc. À direita, vê-se um conjunto escultórico majestoso em estilo barroco que impressiona a todos os visitantes que por ele passam. Todavia, para os que costumam chegar tão cedo vários dias da semana, a imponência desse ambiente não mais causa espanto. Seguindo em frente há uma porta larga também em madeira clara posterior a um largo, porém pequeno corredor com grandes quadros de ambos os lados que contêm mensagens e imagens de fatos do colégio ou que remetem a reflexões, com textos e fotos coloridas.

Ao transpormos essa porta, descortina-se a parte antiga do colégio, um prédio de três andares, em formato retangular, com corredores abertos protegidos por muretas. Ao centro, há um gramado, altas palmeiras e um grande sino de bronze ao centro, o conhecido pátio do sino. As escadarias de madeira, que

mostram em cada degrau as marcas das gerações de estudantes que por ali passaram, rangem ao som dos passos de estudantes e professores do ensino médio que sobem para mais um dia de aulas.

Ouve-se o segundo sinal. As portas das salas se fecham. Alunos atrasados aguardam do lado de fora. Nos segundo ou terceiro andares, dedicados às últimas séries do ensino médio, os alunos estão debruçados sobre as muretas dos corredores ou simplesmente encostados nelas; no térreo ou primeiro andar, alguns se sentam nas muretas ou no chão aguardando o término da primeira aula para entrarem nas salas. Carregam grandes mochilas nas costas ou as colocam no chão. Muitos estão com livros ou cadernos abertos sobre o colo. Lêem, escrevem, estudam. Muitos estão com fones no ouvido. Aparelhos de mp3 e i-pods, assim como agendas eletrônicas, são percebidos sobre ou sob a camisa do colégio. Alguns conversam em voz baixa. O silêncio impera no grande casarão secular.

Os estridentes sinais tocam para marcar a divisão das aulas, o horário do recreio e o momento da saída. Nesses momentos, a ruidosa e típica movimentação de professores e alunos é ouvida. No horário do recreio, essas vozes somam-se ao barulho da descida desses atores pelas velhas escadas de madeira. Conversas e risadas.

Os primeiros vão para a sala dos professores, uma sala em formato retangular com uma bancada de granito escuro que ocupa toda a extensão de um dos lados menores, logo à entrada. Sobre essa bancada, há uma pia com sabão líquido e toalhas de papel; garrafas térmicas com café e mate, potes de plástico com biscoitos doces e salgados. Próximo à entrada, vê-se uma grande mesa retangular com cadeiras a sua volta. Ao fundo, há sofás e poltronas, outra mesa menor com algumas cadeiras e uma bancada com o telefone. Sobre esta última parte da sala, há um mezanino cujo acesso se dá por uma estreita escada lateral, ao lado da porta de entrada. Nesse mezanino se encontra outra bancada com computadores e impressora para uso dos professores. Nas paredes da sala, há painéis com avisos diversos, tanto de cunho mais administrativo quanto pedagógico. Avisos, convites, lembretes tanto internos quanto externos, como seminários, congressos, cursos e outros.

Os alunos se espalham por várias áreas do colégio. Alguns permanecem no pátio do sino ou à sua volta, sentados no chão conversando, rindo, ou simplesmente ouvindo música em seus aparelhos eletrônicos. Outros lêem ou

estudam, tendo os cadernos ou livros abertos sobre as pernas, em grupos ou solitariamente. Na parte de traz desse prédio, há o campo de areia, a cantina com cadeiras e mesas brancas onde se sentam para lanche. Conversam, riem e namoram sob o olhar atento de algum inspetor que de vez em quando aparece. Alguns alunos preferem a biblioteca, onde consultam nos livros ou na internet, terminam deveres ou estudam para alguma avaliação.

A grande dificuldade que me impus ao debruçar-me sobre esse trabalho foi de disciplinar meu olhar com os recursos advindos da teoria antropológica diante do que me pareceu familiar para estranhá-lo. Transformar o familiar em exótico, relativizando o visto, ouvido e vivido, foi meu maior desafio ao longo de toda a coleta de dados e análise posterior. Foi por acreditar na complexidade do universo escolar com suas várias nuances e cores, pelas diversas possibilidades de estudo e interpretação no ambiente escolar, que me lancei nesta investigação. Velho (1997) afirma que

“o próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura possibilitam uma dimensão nova da investigação científica, de consequências radicais – o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente” (ibid, p: 128).

Conheço esse ambiente, conheço seus sujeitos e suas rotinas; mais do que isso, é nesse espaço que me vejo cotidianamente e me reconheço. Como adquirir o distanciamento necessário para vê-lo e analisá-lo sob o viés de uma disciplina? Como transformá-lo em objeto a ser investigado? Recorro mais uma vez a Da Matta (1978) para me ajudar a perceber essa difícil transformação e vê-la também como um auto-exorcismo, como um movimento drástico em que viajamos sem sair do lugar, segundo suas palavras. Essa necessidade de desligar-me emocionalmente, de mergulhar nessa cultura aparentemente tão familiar e em tudo que dela faz parte, e de estranhar suas práticas e seus rituais exige grande esforço metodológico. Para esse autor (ibid),

“não é por outra razão que todos aqueles que realizam tais viagens para dentro e para cima são xamãs, curadores, profetas, santos e loucos; ou seja, os que de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura. Como consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento” (p:29).

Todavia, é fruto também do meu conhecimento sobre educação e escola adquirido ao longo de tantos anos de exercício contínuo da profissão e dos estudos e das reflexões feitos de forma solitária ou coletiva que percebo que as escolas, assim como seus atores, apresentam diferenças e marcas próprias. Dessa forma, percebo que *“o meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos”* (Velho, 1997, p:128), pois cada uma possui seu ritmo, sua cultura, sua rede de relações e interações.

2.3

Aspectos estruturais

“O aparato tecnológico nas escolas é importante. Tem que ter. O nosso colégio tem que estar sintonizado com a sociedade e ela usa a tecnologia e o colégio aqui usa isso”.

Francisco, 17 anos, aluno do ensino médio

O presente estudo se dá em uma escola confessional católica da rede privada da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e atende prioritariamente a um público classificado como de classe média, média-alta e alta dessa cidade, situando-se entre as escolas reconhecidas pela mídia como de excelência⁴. No período em que ocorreu a pesquisa, a escola contava com cerca de 3.500 alunos cursando de Jardim 3 da Educação Infantil ao 3º. ano do Ensino Médio, e 473 educadores, entre professores e funcionários.

Vale ressaltar que essa escola mantém há 40 anos – completados em 2008 – um curso noturno gratuito voltado para jovens e adultos (EJA), que oferece formação da alfabetização ao ensino médio, além de cursos profissionalizantes pós-médio.

Esta escola foi escolhida por atender a algumas determinações necessárias à consecução dos objetivos da pesquisa, quais sejam, revelar as práticas e representações de leitura e escrita de professores e alunos na escola hoje, nos seus próprios termos, buscando o significado que emerge dessas práticas que se dão em diferentes suportes, como os manuscritos, os impressos e os digitais. Qual o

⁴ Ver CORREA DOS SANTOS, M.P.G.S, **Escola Católica e Formação das Elites: um projeto conservador?** Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 1996.

impacto do uso desses suportes para esses atores no cotidiano escolar? O que pensam e como os utilizam? Quais as formas de sociabilidade existentes entre os mesmos na mediação dessas práticas? Qual o investimento pessoal e institucional feito na formação continuada dos professores no que tange ao acesso a essas diversas práticas? Esses foram objetivos traçados previamente à investigação.

A escola em questão situa-se em uma movimentada rua de um bairro da zona sul da cidade e recebe estudantes de diversos locais, mais ou menos próximos que optam pela tradição e o reconhecido ensino de qualidade, segundo as fontes de consulta. Devido à sua grande extensão e ao expressivo número de alunos, ela tem com duas portarias, a central e outra exclusiva para o primeiro segmento, ambas com portas blindadas, piso de granito e porteiros uniformizados. Seu imponente prédio central conta com mais de cem anos, em estilo renascentista de formato retangular, tendo ao centro um grande gramado cortado por caminhos de pedra em formato de cruz com um sino de bronze ao centro – conhecido como pátio do sino. As diversas salas de coordenações, secretarias, Igreja, uma capela, auditórios e todas as salas de coordenações pedagógicas dos últimos segmentos encontram-se no andar térreo. Os 02 andares superiores são compostos de salas de aulas, laboratórios, e outras salas de coordenações de séries, além das salas de formação cristã e do núcleo de mídia e educação, além do acesso à biblioteca central que será apresentada posteriormente. O prédio menor localizado em posição contígua à direita desse prédio principal abriga o primeiro segmento, ou Fundamental 1, composto de seis séries até o 5º. ano, contando com uma estrutura física e de apoio própria para atendimento às especificidades dessas séries.

Na parte detrás do grande prédio, encontram-se o grande campo de areia com traves dispostas de diversas formas permitindo que jogos simultâneos aconteçam, o Centro Esportivo, o Departamento de Esportes, a piscina, o Departamento Médico, diversos banheiros, a cantina e o parquinho.

Além dessa estrutura física, a estrutura organizacional dessa escola possibilita a elucidação das questões postas anteriormente, no que tange ao aparato tecnológico existente e ao investimento em formação dos educadores. Segundo *folder* distribuído às famílias após a matrícula de início de ano, algumas características quanto a essas estruturas assim se apresentam:

“Educar no século XXI exige investimento em tecnologia, mas tendo os seres humanos sempre em primeiro lugar. Assim, a preocupação com a infra-estrutura de recursos e melhores condições de trabalho para a equipe de educadores é constante no colégio, favorecendo o permanente aprendizado de estudantes e educadores”.

Considere de extrema importância para responder às questões expostas nessa investigação a escolha de uma instituição que tivesse entre seus empreendimentos estruturais esse investimento constante em tecnologia em seus diferentes suportes e meios, quais sejam, bibliotecas, laboratórios, recursos de informática e multimídia. Entendo que somente dessa forma poderia perceber os diversos usos desses suportes, a visão que os atores escolares têm deles, como os utilizam e de que forma interferem em seu fazer didático e pedagógico.

Para as disciplinas do núcleo comum, a escola em questão possui⁵ 29 salas de aula no primeiro segmento que comporta da Educação Infantil ao 5º. ano do Ensino Fundamental 1; 44 salas de aula do 6º. ao 9º. ano do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio; 03 salas de Educação Artística; 01 sala de Educação Musical; 01 Anfiteatro; 03 salas para múltiplas turmas, sendo um total de 81 salas, todas com ar condicionado. Há também 06 salas com equipamento multimídia e ar condicionado especificamente para o ensino de Línguas Estrangeiras; 03 laboratórios de Ciências para o Ensino Fundamental; 03 laboratórios de Biologia, Química e Física para o Ensino Médio.

Quanto aos recursos específicos de Informática Educativa, a escola apresenta 04 lousas eletrônicas, 07 laboratórios de Informática para estudantes, 208 computadores conectados em rede e à Internet, servindo laboratórios, salas de aula e setores pedagógicos, 02 salas de computadores para professores, 02 laboratórios de Robótica Educacional, além de 20 computadores disponíveis a todos os alunos na biblioteca central e um computador em cada sala de aula do primeiro segmento. Os recursos multimídia englobam 04 salas e mini-auditórios com equipamento multimídia, 01 auditório com o mesmo tipo de equipamento, 01 laboratório de produção de vídeo, mais de 4000 títulos de vídeos e DVDs didáticos de diversos gêneros, mais de 500 títulos de mapas e material didático tridimensional.

⁵ Os dados aqui apresentados foram retirados de documento veiculado pela secretaria da escola e entregue aos pais de alunos no ato da matrícula.

Além desses recursos, a escola possui na Biblioteca Central mais de 60.000 títulos de gêneros variados, além de diversas revistas, 01 Biblioteca Infantil com cerca de 8.000 títulos, 01 Centro Esportivo com 03 quadras duplas, 01 campo de futebol soçaite, 01 piscina semi-olímpica, 01 academia de ginástica e de atividades esportivas e culturais, 01 parque infantil e uma lanchonete, além dos espaços de recreação e convivência.

2.4

A identidade

“Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual quanto coletiva, é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato”

Michel Agier

A identidade analisada a partir de uma perspectiva antropológica valoriza os processos existentes no contexto, segundo Agier (2001). Ela constitui-se, então, de forma contextual, relacional, situacional, e é passível de ser detectada numa pesquisa empírica que leva em conta esses aspectos. Foi nesse sentido que este trabalho foi concebido ao procurar delinear a identidade de uma instituição escolar, entendendo que essa realidade *“é ‘construída’ (grifo do autor) pelas representações dos atores, e essa construção subjetiva faz parte ela própria da realidade que o olhar do observador deve levar em consideração”* (ibid, p:11).

“Esta escola prepara muito bem para o acadêmico, mas também prepara para você ser um cidadão”, afirma Daniel, 18 anos, aluno do ensino médio da escola em que a pesquisa se realizou. Essa afirmação corresponde ao que está expresso no projeto pedagógico da instituição como uma de suas finalidades educacionais. Neste documento, como opção curricular, lê-se que o colégio busca *“o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”*, princípio constante também na LDB no. 9.394 de 1996.

Rica em documentos⁶ que lhe norteiam a vida escolar, a identidade do colégio pretende englobar as diversas dimensões de formação do ser humano, numa pedagogia integral que apresenta diversas características, tais como a relevância da realidade do mundo, a inclusão de uma dimensão religiosa permeando toda a educação escolar, essa educação vista como instrumento apostólico e a promoção do diálogo entre fé e cultura.

Na perspectiva da formação integral de cada indivíduo, a educação nesta instituição pretende ter como um de seus objetivos o desenvolvimento de todos os “talentos dados por Deus” a cada indivíduo como membro da comunidade humana. Essa formação inclui o domínio das disciplinas básicas do currículo, baseado num ensino de qualidade, que inclua o desenvolvimento da capacidade de raciocinar de forma lógica, reflexiva e crítica.

Também o estudo atento e crítico das novas tecnologias e das influências dos meios de comunicação em conjunção às ciências físicas humanas e sociais formam o escopo pretendido na compreensão da pessoa humana. O desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade dos alunos, assim como seu desenvolvimento físico, deve fazer parte dos conhecimentos trabalhados no seio das disciplinas escolares.

Todos os aspectos educativos apresentados devem objetivar a formação de uma pessoa em sintonia com os tempos atuais, mas cuja vida inclua hábitos permanentes de reflexão, uma pessoa competente, a partir de sólida formação acadêmica, uma pessoa consciente de si e do mundo que a cerca e do país em que vive, uma pessoa compassiva diante das desigualdades e injustiças, e uma pessoa comprometida com os demais.

A educação proposta por esta instituição, constante nos documentos veiculados, é orientada para valores, incentiva um conhecimento realista de si, do outro e do mundo em que vivemos; propõe Jesus Cristo como modelo de vida humana, proporcionando ações pastorais e celebrando a fé presente nos momentos de oração e serviço.

No projeto pedagógico desse colégio, constam alguns importantes aspectos de sua identidade que dizem respeito à opção curricular e ao modelo pedagógico,

⁶ As afirmações transcritas constitutivas da identidade da instituição onde a pesquisa se deu foram retiradas de seus principais documentos a que toda a comunidade educativa tem acesso.

assim como à relação professor-aluno e à formação continuada de seus educadores.

Quanto à opção curricular, a rede de colégios da qual esse colégio faz parte, afirma, em seu projeto educativo voltado para todas as suas unidades, que a organização e as metodologias adotadas, assim como os critérios de avaliação e as relações que se estabelecem no processo pedagógico tenham a pessoa do aluno como figura central e objetivo fundamental. Nessa perspectiva, pretende-se adotar o método de uma pedagogia ativa em que o aprendiz é o ator principal de seu desenvolvimento e aprendizagem, tendo o professor um papel de orientador e mediador.

A organização curricular aponta para o princípio da flexibilidade, envolvendo um conjunto de conhecimentos e atividades básicas e outras de caráter complementar. Dessa forma, esse currículo pretende ser dinâmico, ajustando-se às mudanças sociais, científicas e tecnológicas do mundo contemporâneo, estando sempre a serviço do aluno e dos interesses e necessidades de sua formação.

Um exemplo de dinamismo, flexibilidade e abertura às necessidades dos tempos atuais reside na preocupação de se inserir nos programas curriculares questões de natureza étnica, de gênero e ecológica, além do aprendizado pautado em valores como justiça, solidariedade e cidadania.

O modelo pedagógico baseia-se, segundo esse mesmo projeto, num estilo próprio de ensinar e educar que, enfatizando a formação integral da pessoa humana, procura construir todo o processo pedagógico a partir da adoção de uma didática que pressupõe o respeito a determinados princípios, quando da elaboração dos planejamentos, planos de ensino, aulas, assim como na própria relação entre professores e alunos.

Outro aspecto importante inserido no projeto do colégio em questão é o da formação continuada de seus educadores. Cabe, inicialmente, a cada educador a elaboração de um plano pessoal de formação permanente e integral, contudo o colégio possui um programa de formação de todos os membros da comunidade educativa, segundo o projeto supracitado. Essa formação abrange tanto aspectos religiosos, de acordo com a confessionalidade da instituição, quanto os aspectos acadêmicos e pedagógicos, com reuniões e encontros remunerados na própria

instituição e ajuda financeira para participação em cursos, seminários, congressos ou outros cursos que exijam tempo e dedicação mais significativos.

É importante, contudo, salientar que os principais traços da identidade dessa instituição, constantes em seus principais documentos, poderiam também ser encontrados em diversos outros colégios, principalmente aqueles de confessionalidade católica. Porém, segundo a fala dos personagens entrevistados, a instituição possui algumas características associadas à sua identidade que a diferenciariam de outras instituições católicas do mesmo porte. Escolho as quatro mais representativas que surgiram dessas falas em vários momentos. A “atualidade”, ou seja, a necessidade de estar e de se fazer presente no meio em que se encontra; a “formação de líderes”, formação que se quer integral – excelência acadêmica e humana, voltada para os valores; “leigos colaboradores”, o trabalho conjunto, jesuítas e leigos que partilhem a mesma visão de educação; e a “inacianidade”, termo recorrente nas entrevistas realizadas e que será explicitada na própria fala de alunos e professores.

Outro tema a respeito da identidade desse colégio que emergiu dessas falas referiu-se a uma proposta pedagógica particular, criada no bojo das discussões internas da rede, divulgada para todos os colégios que dela fazem parte, incluindo esse onde a pesquisa se deu. Essa proposta intitula-se *Pedagogia Inaciana*⁷. Essa proposta apresenta um paradigma pedagógico dividido em cinco etapas ou passos, quais sejam, contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, e objetiva, nessa ordem, levar em conta o contexto sócio-cultural em que vivemos, incluindo a realidade e as vivências dos alunos como o primeiro passo na elaboração de qualquer programa ou planejamento. A riqueza e diversidade das experiências nas quais se deve dar primazia à aprendizagem do aluno é o segundo passo, seguido de uma reflexão sobre a relevância e aplicação possível do que se aprendeu e em que esse conhecimento contribui para alterar alguma noção ou atitude anterior. Essa reflexão deverá levar a uma ação, um movimento que se quer primeiramente interior, mas que pode se traduzir em real ação concreta constitutiva da formação em valores pretendida. Por fim, a avaliação deverá estar presente tanto em seus

⁷ Essa proposta apresentou-se em forma de documento publicado em 1993 – **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática** -, após tempo dedicado à sua elaboração pela Comissão Internacional do Apostolado Educativo da Companhia (ICAJE).

aspectos mais acadêmicos como nos atitudinais, de forma diagnóstica e processual.

É importante salientar que esses aspectos da Pedagogia Inaciana fazem parte das discussões e permeiam os projetos e planejamentos elaborados em todos os segmentos, a ponto de o momento de reuniões a título de planejamento ou formação continuada dos professores chamarem-se PPI (Paradigma Pedagógico Inaciano). É comum em diversos momentos do cotidiano do colégio um educador referir-se a um desses encontros utilizando essa expressão. *“Hoje tem PPI do ensino médio”. “No PPI do mês passado nós discutimos tal assunto”*. Para quem chega, há um estranhamento nos termos referentes a essa proposta como se houvesse um código entre esses atores do qual os novatos têm que se apropriar, segundo a coordenadora Helena.

Contudo, o que faz esse colégio ser o que é, além do que consta em seus documentos, na visão daqueles que nele trabalham e estudam? Nessa perspectiva, destaco algumas categorias que emergiram da fala dos atores entrevistados e apontam para aspectos que situam essa instituição entre tantas outras escolas de prestígio em nossa cidade.

Inicialmente, intuo uma visão que ousou denominar “paternalista” na relação de alguns educadores, principalmente aqueles que trabalham no colégio há muito tempo, com a instituição, em que vida profissional e vida pessoal se misturam, como declara Edna, professora de Inglês.

“Pra mim, este colégio é tudo, é tudo. Adoro trabalhar aqui. Eu tenho dificuldade, porque quando você trabalha há 29 anos numa empresa, você tem sua vida, a sua história ali. Eu acho que o colégio comigo sempre foi muito coerente, o que ele prega como uma instituição católica e na minha vivência, sempre que eu precisei contar com a compreensão da escola em certos momentos, eu tive essa compreensão com tanto respeito, com tanta dignidade, que eu sinto que pra mim é um lugar assim, é quase como uma casa, é exatamente uma casa, é de muita importância. É impressionante. Em situações difíceis, nunca me faltou. Eu amo este colégio. É um privilégio!”

Outro aspecto recorrente nas entrevistas disse respeito à visão que denomino instigadora percebida por muitos professores, em que a dinâmica

própria da instituição motiva o profissional a estar sempre em movimento. Isto é o que declara Anna, professora de Arte.

“O colégio é a escola de formação que eu tive. (...) O colégio coloca pra gente como desafio o de você não estar estabilizado e conformado com aquilo que faz. Eu acho que o colégio tem esse movimento de você poder ser mais. O professor que consegue se adaptar ao colégio, ele trabalha em qualquer lugar, e aí ele vai se desinstalar sempre, em qualquer outro lugar. Da mesma forma que os meninos têm uma marca inaciana, o professor que veste de verdade a camisa do colégio, ele tem uma marca inaciana. (...) Se eu não tivesse entrado no colégio, eu não sei se eu faria as coisas todas que eu fiz”.

Alexandre, professor que atua na área de Informática Educativa, corrobora essa visão afirmando que

“quando eu fui trabalhar no colégio, eu achei que não ficava lá seis meses. Achei que nem eu agüentava o colégio, nem o colégio me agüentava. E foi com certa surpresa que percebi que o colégio apostava em algumas inovações, que havia espaço para isso, percebi que a vanguarda é uma questão muito importante para os jesuítas. Sou muito irrequieto, mas tive espaço pra essa ‘irrequietude’”.

O investimento tanto na estrutura quanto na formação de sua equipe docente é também outro aspecto importante reconhecido pelos professores, como afirma Renata, professora de Língua Portuguesa.

“Não nos faltam meios econômicos, nossas escolas são bem montadas, são modernas. Os alunos têm acesso ao que há de mais moderno, os professores são bem formados, pois o colégio investe na formação do professor, nesse setor de ponta, tanto no campo de sua especificidade como no campo mais amplo da educação”.

Para os alunos, o orgulho e o carinho pela instituição naquilo que ela representa em termos de tradição e a soma de excelência acadêmica e formação foram aspectos evidenciados nas entrevistas. Rafael, 18 anos, aluno do 3º ano, emociona-se ao falar do colégio, justificando tratar-se do último ano.

“Sou suspeito, pois amo o colégio. Sempre estudei aqui e desde que cheguei aqui, eu amo. Aqui é uma raridade, desde o primarinho até o ensino médio. Ele cria uma relação com outros colégios da rede, propõe atividades legais, esportivas e artísticas, a Bienal... Incentiva a leitura. Não consigo ver um aspecto negativo, mas meu conceito é parcial, né?”

Contudo, para muitos educadores do ensino médio, todos os aspectos enfocados que procuraram delinear a identidade desse colégio constituem um norte, um direcionamento de que todos têm conhecimento, mas que ainda não foram plenamente alcançados. Dentre os desafios apontados, o que surge na fala desses educadores com mais frequência diz respeito a certo desequilíbrio ou mesmo, especificamente no segmento investigado, incoerência, entre a exigência da excelência acadêmica reconhecida, destacando-se neste segmento o exame vestibular, e a elaboração de um currículo mais voltado aos diversos aspectos culturais e artísticos, além de uma educação em valores e a realização de um verdadeiro trabalho apostólico.

Ao procurar debruçar-me sobre os dados coletados sobre a identidade dessa instituição presentes nas falas de seus atores, algumas inquietações me vieram no que tange à relação que procurei desenvolver durante os diversos momentos de coleta, principalmente as entrevistas, voltadas mais para os professores. Acredito ter havido um esforço de estranhamento maior da minha parte do que de meus colaboradores. Temo por uma postura de reverência em relação ao colégio devido ao fato de esses atores me verem como uma profissional inserida no corpo dessa instituição e não como pesquisadora, possibilitando a existência de uma relação de poder entre entrevistador e entrevistado que procurei evitar, mas que pode ter se revelado incontrolável.

Em que pese a possibilidade de a fala desses entrevistados ter se revelado de acordo com aquilo que supunham eu gostaria de ouvir, esforcei-me por extrair desse fato elementos interpretativos significativos no delineamento dessa identidade institucional. Esse movimento constituiu-se em verdadeiro “*tour de force*” no intuito de objetivar os dados coletados.

Recorro mais uma vez a Laplantine (2007), ao postular que “*se é possível, e até necessário, ‘distinguir’ (grifo do autor) aquele que observa daquele que é observado, parece-me, em compensação, impensável dissociá-los. Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros*

sujeitos.” (ibid, p:169). Percebo, então, que são subjetividades, a minha e a dos entrevistados, que se entrelaçam em teias de pertencimentos, de reconhecimentos e tentativas de distanciamento, dinâmica constitutiva desses momentos que variam conforme a situação e posição dos atores envolvidos, que estiveram presentes ao analisarmos esse perfil identitário.

2.5

Concluindo o capítulo

Nesse capítulo procurei trazer algumas questões sobre a escola que julguei relevantes para compreendê-la como um objeto de análise do bojo de uma pesquisa de cunho etnográfico. A escola de ontem e a de hoje, o desafio de reinventá-la diante das demandas que hoje se apresentam.

Ao entrar no campo de investigação, procurei apresentar uma escola específica cujas características e delineamentos permitiram a realização de análises posteriores. Minha intenção ao entrar nessa escolar foi perceber seu cotidiano, a estrutura subjacente às práticas que aí se desenvolvem, assim como os diferentes aspectos que lhe dão identidade. Compreender essa dinâmica escolar mostrou-se fundamental para respondermos às principais perguntas que nortearam os objetivos da pesquisa.